



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III – GUARABIRA – PB

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LUCINEIDE SILVA DE LIMA

“DONA LIA” E À LUTA PELA TERRA EM RIACHÃO/PB

(1985 – 1986)

**GUARABIRA – PB
2016**

LUCINEIDE SILVA DE LIMA

“DONA LIA” E À LUTA PELA TERRA EM RIACHÃO/PB

(1985 – 1986)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Susel Oliveira da Rosa

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L732d Lima, Lucineide Silva de

“Dona lia” e à luta pela terra em Riachão/PB (1985 –
1986) / Lucineide Silva de Lima. – Guarabira: UEPB,
2016.

23 p.

Artigo (Graduação em História) – Universidade
Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof^a. Dr^a. Susel Oliveira da Rosa”.

1. Luta pela Terra. 2. Assentamento Baixio. 3. História
das Mulheres - Paraíba. I. Título.

22.ed. CDD 981.33

Lucineide Silva de Lima

"DONA LIA" E A LUTA PELA TERRA EM RIACHÃO/PB
(1985 - 1986)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Susel Oliveira da Rosa

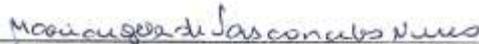
Aprovada em: 11/05/2016

BANCA EXAMINADORA



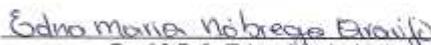
Prof.^a Dr.^a. Susel Oliveira da Rosa – UEPB/CH/DH

(Presidente – Orientadora)



Prof.^a Dr.^a. Mariângela de Vasconcelos Nunes – UEPB/CH/DH

(1º Examinador)



Prof.^a Dr.^a. Edna Maria Nobrega Araújo

(2º Examinador)

Guarabira-PB
2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de toda vida, razão maior de toda existência. A quem sempre recorri nos momentos mais difíceis e mais felizes da minha vida.

Agradeço minha família, meu porto seguro, meu refúgio. Em especial minha mãe **Natália**, pelo carinho, companheirismo e compreensão nos momentos que não pude dar a atenção que precisava. Exemplo de mulher para mim que apesar das dificuldades sempre esteve ao meu lado durante esses quatro anos de caminhada em busca do conhecimento. Aos meus sobrinhos (a), especialmente a Jorge e Romélia por sempre ligarem preocupados em saber se estava tudo bem comigo e nos estudos.

Não poderia deixar de agradecer a minha orientadora, **Prof^a. Dr^a. Susel Oliveira da Rosa** sou grata pela paciência, carinho e amizade transmitida a cada encontro na UEPB, tenha certeza de que minha gratidão, à senhora, haverá sempre de tê-la.

Agradeço a todos os professores do curso de História da UEPB, Campus III, Guarabira, que contribuíram muito na minha formação acadêmica, incentivando em mim o desejo da pesquisa para buscar novos conhecimentos. Sou eternamente grata por tudo o que aprendi com vocês.

Não poderia deixar de agradecer a **Maria das Neves Moura do Nascimento** (Dona lia), por contar parte da história de luta pela terra no Assentamento Baixio do Riachão-PB, meu muito obrigado, pelas vezes que me atendeu em sua casa para as entrevistas.

Ao meu primo **André Ferreira**, por ser um dos maiores incentivador para que eu prestasse o vestibular, e hoje está aqui. Muito obrigada, pelo incentivo, amizade e atenção quando procurei sempre que precisei. Às minhas colegas **Adriana, Ana e Oliziane** por ter me incentivado não desistir do curso nos momentos difíceis da vida, obrigada pelo companheirismo, risadas, choros e angústias que passamos juntas.

Agradeço ao meu amigo **Orlei** pela diversas vezes que se dispôs vim de moto comigo para que não perdesse aula, ao motorista do ônibus pela paciência, amizade

e dedicação de nos transportar em segurança durante o percurso que fazia todos os dias de nossas casas até à **UEPB**, muito obrigada. Por fim, aos colegas de classe que de uma maneira ou de outra contribuíram para amenizar o estresse do dia a dia, a todos obrigada.

“DONA LIA” E À LUTA PELA TERRA EM RIACHÃO/PB

(1985 – 1986)

Lucineide Silva de Lima¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo descrever a história de luta pela terra de Maria das Neves Moura do Nascimento - “Dona Lia” - em Riachão/Paraíba. Luta pela terra que deu origem ao “Assentamento Baixio”, nos anos de 1985 e 1986. Nesse sentido, o artigo se insere na perspectiva da História das mulheres, considerando que a ideia de uma eterna submissão também é uma fabricação patriarcal, como nos mostra Tânia Swain.

Palavras-Chave: Luta pela Terra. Assentamento Baixio. História das Mulheres da Paraíba.

Introdução

O artigo versa sobre a história de luta pela terra em Riachão, estado da Paraíba, nos idos de 1985 e 1986, cuja luta deu origem ao “Assentamento Baixio”. Geograficamente, o lugar ora estudado está localizado na Mesorregião do Agreste Paraibano, mais especificamente, na Microrregião do Curimataú Oriental.

Há de se registrar, oportunamente, que, à época, o então, Distrito de Riachão, pertencia política e administrativamente ao município de Araruna/PB, haja vista que, este só tivera à sua emancipação política, anos depois, ou seja, apenas em 29 de abril de 1994. Vejamos: “Riachão foi desmembrado de Araruna (Município-mãe), por força da lei nº 5.888, sancionada em 29 de abril de 1994, [e] publicada no diário oficial do Estado, em 05 de maio do corrente ano” (CÂMARA, 2000, p. 7).

Pois bem, feita esta breve digressão volta-se ao contexto da presente análise.

O estudo pretende a partir dos relatos da senhora Maria das Neves Moura do Nascimento, – popularmente conhecida pela alcunha de “Dona Lia”, à qual teve um papel imprescindível na batalha pela conquista da terra na referida área em apreço –

¹ Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: lucineideuepb2011.2@hotmail.com

ressaltar a importância da mulher na História Social da luta pela terra. É oportuno, aqui, destacar, que ela encabeçou e foi uma das protagonistas nesse processo de luta pela terra em Riachão, no período mencionado. Daí porque, ressalta-se a relevância de trazer à tona, neste trabalho de conclusão de curso o relato personalizado dessa luta na perspectiva da História das mulheres.

Muito Prazer: Maria das Neves Moura do Nascimento, alcunha “Dona Lia”!



Figura 1: Maria das Neves Moura do Nascimento
Fonte: Mateus Pereira, 2014.

Maria das Neves Moura do Nascimento nasceu em 02/04/1938, filha natural do município de Pirpirituba–PB. Em 2008 recebeu da Assembleia Legislativa o Diploma Mulher-Cidadã Anayde Beiriz, na categoria de sindicalista (FETAG-PB). Em 2012 candidatou-se a vereadora pelo Partido Socialista Brasileiro, mas não obteve êxito.

Em 1989, conheci “Dona Lia” – Maria das Neves Moura do Nascimento – por intermédio de seu filho Naldo: éramos colegas de turma de colégio e certo dia ele convidou a mim e outra amiga para irmos conhecer o “Assentamento Baixio”, que fica localizado a 5 km ao Sul do Município de Riachão–PB, onde morava com seus pais. Falei que iria pedir ao meu pai e, se ele autorizasse, iria.

Chegando do colégio em casa falei para meu pai que tinha recebido um convite pra conhecer o assentamento e perguntei se ele me deixaria conhecer, juntamente com uma colega. De imediato ele falou “não” e aí perguntei o porquê.

“Porque aquelas pessoas era um bando de comunistas que queriam tomar a terra dos outros”, disse ele. Bem, mesmo sem seu consentimento fui com minha amiga e ao chegar ao assentamento fomos recebidas por Naldo, que em seguida nos apresentou a sua mãe, Dona Lia – como é conhecida. Ela convidou-nos a entrar em sua casa e perguntou se gostaríamos de participar de uma reunião que ela e seu esposo, Genival, iriam fazer com as demais famílias que moravam no assentamento. Imediatamente aceitei participar da reunião, pois tinha curiosidade em saber como eram essas reuniões. Lembro que os comentários sobre as tais reuniões não eram nada convidativos: falava-se que eram realizadas para incentivar as outras pessoas a tomarem as terras de outros fazendeiros existentes em Riachão. No entanto, meu colega Naldo – filho de dona Lia – sempre dizia que tudo não passava de uma grande mentira das pessoas e eu retrucava que só entenderia participando de uma reunião. Pois bem, finalmente chegou o dia de participar das famosas reuniões na casa de dona Lia.

Quando terminou fiquei conversando com ela e entre uma conversa e outra perguntei porquê dela e das outras famílias terem lutado para ficar com a terra. Na ocasião, ela respondeu o seguinte:

Minha filha, o problema foi que em 1984 o senhor Doutor Targino – proprietário desta terra – vendeu a terra para os “Irmãos Coró” como são conhecidos, ou seja, João Tomaz de Aquino, e Geraldo Tomaz de Aquino – como vende um curral de boi sem nem sequer comunicar aos 59 moradores que tinha vendido a terra. Aí, minha filha, ficou a pergunta: pra onde vamos? Não sabemos fazer outra coisa a não ser trabalhar na roça! Então como já participava do movimento da Igreja procurei o padre Luís Pescarmona coordenador da CPT (Comissão Pastoral da Terra), na cidade de Guarabira, que nos orientou a procurar o Sindicato de Araruna, chegando lá procurei seu Antônio, então presidente do Sindicato, e aí dei parte. Não tivemos muito apoio. Quando foi em 1985 procuramos o Sindicato: dessa vez para um grupo de dez mulheres serem filiadas para terem o direito a se aposentar e outros benefícios que tivessem direito. Seu Antônio não aceitou. No mesmo ano houve eleições pra Presidente do Sindicato. Então Genival, meu esposo, entrou com uma chapa de oposição contra ele, mas não ganhamos. Quando Riachão foi criado em 1994, pela Lei 5.888, de 29 de abril do mesmo ano - mas somente em 1997, foi que passou realmente a Cidade – senti a necessidade de fundar o STRR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Riachão) porque sabia que muitos agricultores deste Município iriam precisar um dia se aposentar e quando fosse procurar o Sindicato de Araruna iriam ter dificuldades para dar entrada nos papéis pra ter direito ao benefício da aposentadoria, pelo fato de Riachão não se mais Distrito de Araruna e sim uma cidade. Em 1997, fui então, a João Pessoa e procurei na FETAG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado da Paraíba) pra saber como fazia pra fundar o Movimento Sindical em Riachão. O pessoal me informou como fazer. Juntei todos os documentos necessários que precisava e fizemos à primeira reunião no dia

19 (dezenove) de abril de 1997, onde foi formada uma comissão provisória sendo eu, Presidente, Adjanir, como Tesoureiro e Lucineide [autora do presente trabalho/artigo], a secretária. Depois de sete meses foram realizadas eleições diretas. Fui eleita novamente para um mandato de quatro anos. Depois fui novamente reeleita, por mais dois mandatos consecutivos. Durante esses 16 (dezesesseis) anos como Presidente do Sindicato fundei em 2008 a (ADDMM) “Associação de Defesa dos Direitos das Mulheres do Município de Riachão”. Nas novas eleições não saí candidata, coloquei a então Secretária, Ozanira Cunha, que foi eleita para um mandato de quatro anos. Mas ainda fiquei participando da direção como tesoureira da entidade (Depoimento de Maria das Neves Moura do Nascimento, 12 de abril de 2015).

Já nessa primeira conversa, dona Lia deu início à narrativa de sua trajetória ligada à luta pela terra. Tema que me mobilizou e que me leva, agora, a escrever o trabalho de conclusão de curso. Pretendo, então, trabalhar na perspectiva de uma “história das mulheres” inspirada nos textos de Tania Swain, que em sua narrativa demonstra que as mulheres nem sempre foram submissas aos homens, especialmente no Brasil do século XVI.

A história da eterna submissão das mulheres também é uma invenção patriarcal

Quando Tânia Swain fala que os homens dependiam das mulheres para sua sobrevivência ela demonstra que os indígenas viviam em uma sociedade sem desigualdade entre homens e mulheres, eram elas as responsáveis pela agricultura e sustento da tribo, como também poderiam ser pajés, curandeiras e escolher se casariam ou não.

Analisando os cronistas da época, Swain registra que:

Os homens dependiam muito delas, tanto para sua sobrevivência quanto para a própria integração social. E assim era, por exemplo, a produção econômica e a coesão social que eram asseguradas pelas mulheres: elas plantam, fazem as colheitas e o tratamento dos produtos. Já Thévet, depois de explicar amplamente o que tudo era plantado em seu ponto de vista era a mulher indígena quem fazia todo o trabalho da roça enquanto aos homens cabia à pesca, caça e a proteção da aldeia, ou seja, as mulheres eram quem, mais trabalhavam, mais que os homens. (SWAIN, 1996, p. 137).

Nessa mesma linha de raciocínio, o cronista Régine Pernoud, não hesita falar que as mulheres sempre tiveram uma participação muito importante na vida das aldeias tanto no social como nos negócios. Vejamos:

As mulheres detinham um papel considerável nos negócios, na produção e no comércio, na educação. Entretanto, o imaginário cristão tornando-se hegemônico nesta época, as passaram a ser representadas como seres mental, moral e fisicamente frágeis. Mãe, santa ou demônio, estas classificações não suportava a imagem de guerreiras, de mulheres fortes e independentes, capazes de lutar, matar e assegurar sua sobrevivência na floresta. (PERNOUD, 1980, p.145).

Por outro lado, analisar as condições ulteriores de uso e costumes dos indígenas, suas relações com os conquistadores na historiografia é útil para compreender as representações de gênero da época contemporânea e do presente.

A historiadora Tânia Swain mostra que entre os indígenas, os homens não tinham autoridade sobre as mulheres, elas escolhiam com quem queriam viver. Segundo a cronista: “As mulheres e homens podem mudar de parceiro sexual como entendiam. Nenhuma obsessão em relação à virgindade: as mulheres eram livres de seu corpo e de seu desejo” (SWAIN, 1996 p.136).

A respeito da sexualidade e práticas sexuais das mulheres indígenas em especial as Amazonas, Tânia Swain fala que eram elas quem escolhia o papel social de ser homem ou mulher, pois não havia determinação social. O cronista Gandavo descreve no século XVI:

Algumas índias há que também entre eles determinam de ser castas, as quais não conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem o consentirão ainda que isso as matem. Estas deixam todo exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios, como se não fossem fêmeas. Trazem os cabelos cortados da mesma maneira que os machos, e vão à guerra com seus arcos e flechas, e à caça perseverando sempre na companhia dos homens e cada uma tem mulher que serve, com quem diz que é casada, e assim se comunicam e conversam como marido e mulher. (SWAIN, 1996, p.148).

No processo de sistematização literária deste artigo, percebe-se, a partir dos citados fragmentos históricos ora transcritos anteriormente, que, não importa, qual seja o contexto histórico, a mulher, sempre teve e tem um papel destacável na feitura da História das diversas sociedades. Assim, seja a mulher indígena, seja a mulher artesã, seja a mulher empresária e política, seja a mulher camponesa, enfim, sejam quais forem suas facetas, todas exercem sem distinção, atribuições preponderantes no seio da sociedade em que vivem, mesmo quando, aparentemente, desempenham um papel de “submissão” ao homem.

Nessa perspectiva, vejamos a seguir mais uma dessas facetas do gênero feminino, encenada, por “Dona Lia” em sua trajetória de vida.

Ao falar da trajetória de vida de dona Lia, contarei também a história da fundação do Sindicato Rural de Riachão.

Dona Lia e as dificuldades encontradas durante o processo de luta pela terra

De acordo com Margareth Rago, apesar do elevado número de trabalhadoras presentes nos primeiros estabelecimentos fabris brasileiros muitos foram os conflitos vividos por essas mulheres desde que resolveram ingressar em uma sociedade totalmente masculina. “As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem”. Da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens – como “naturalmente masculino” (RAGO, 2002, p. 581- 582). Os imensos obstáculos vividos por essas mulheres tanto dentro da sociedade como em suas próprias casas pelos pais e esposos não fez com que elas deixassem de lutar pelos seus direitos de continuar trabalhando tanto nas fábricas como em outros estabelecimentos e participar da vida pública, conforme fora o caso de dona Lia. Vejamos a seguir.

Antes mesmo de dona Lia começar sua luta pela terra em 1985, no Assentamento Baixio (Riachão-PB), ela já participava da organização das Comunidades Eclesiais de Base, articuladas pela Diocese de Guarabira, haja vista que ela foi uma das figuras que teve participação ativa na resistência dos trabalhadores posseiros na luta para a conquista da terra, no referido Assentamento.

Então, sua luta não foi diferente de tantas outras mulheres que já lutavam por direitos iguais, a saber: Nísia Floresta, que reivindicava a emancipação da mulher através da educação, Bertha Lutz por direito ao voto, Margarida Maria Alves por melhores salários para os trabalhadores canavieiros, Elizabeth Teixeira pela continuidade da liga Camponesa deixada em Sapé pelo seu esposo Pedro Teixeira. Nesse contexto, a barreira que dona Lia teve de enfrentar com seu esposo e demais moradores para poder continuar na terra não foi fácil, primeiro tinha jornada dupla. Tinha que cuidar dos filhos e da casa e auxiliar seu esposo na roça. Segundo ela, era mulher, e ser líder de um grupo de mulheres e homens, isso não seria muito

fácil, não, apesar de que eles acreditavam no seu trabalho como líder do movimento. Além disso, o Brasil estava vivendo um momento muito difícil na história, estava deixando de ser um País governado por um Regime Militar e passando para um governo democrático. Pois bem. Entretanto, com toda essa dificuldade, dona Lia, não desistiu de lutar contra o proprietário – senhor da terra – o senhor José Targino Maranhão para que pudesse continuar na terra junto com os outros moradores. Logo iniciou, as articulações com as pessoas, fazendo várias reuniões com os moradores explicando a real situação de todos dentro da terra, para que eles não viessem desistir da luta e concordar com o que o patrão queria fazer com eles, pois o patrão, o senhor José Targino, tinha vendido a terra como se vende um curral de boi e não tinha informado a eles o ocorrido. Todas essas reuniões fez com que ela e seu esposo fossem conquistando o interesse de um pequeno grupo de moradores.

É bom destacar, que essa confiança que eles tinham nela, não foi algo de momento, mas sim fora conquistada, paulatinamente, mediante suas atitudes e ações no dia a dia. Havia algum tempo que vinha sendo desenvolvido um trabalho de base dentro da área em questão, através da Igreja Católica e CPT (Comissão Pastoral da Terra). Todo esse trabalho que ela tinha, junto à igreja, fez com que dona Lia tivesse certa confiança de alguns moradores e também um pouco de conhecimento de como trabalhar com os mesmos, como também tinha conhecimento adquirido sobre a Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, que é a Lei da Terra, à qual confere direito a todos, seja morador², seja posseiro³, seja rendeiro⁴, seja meeiro⁵, que morassem ou trabalhassem dentro da referida terra tinham direito a posse da mesma. Com isso, começou a se organizar junto aos moradores e começaram trabalhar em mutirão⁶ dentro da terra, fazendo açude, plantando milho e feijão, como ela nos descreve:

² Morador: Aquele que mora, habitante. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

³ Posseiro: Que ou aquele que está na posse legal de imóvel ou imóveis indivisos. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

⁴ Rendeiro: Aquele que recebe de outrem imóvel ou dinheiro, obrigando-se a pagar renda periódica. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

⁵ Meeiro: Aquele que planta em terreno alheio, repartindo o resultado das plantações com o dono das terras. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

⁶ Mutirão: Auxílio gratuito, que prestam uns aos outros os lavradores (na colheita, construção de casa, etc.), reunindo-se todos os da redondeza e trabalhando em proveito de um só. Idem.

Companheira, eu encontrei várias dificuldades quando comecei à luta, foi a maior dificuldade, agora antes a gente já tinha uma pequena organização como pessoa da igreja, aí eles acreditava na gente eram muito amigos da gente, a gente trabalhava em mutirão com algumas famílias, depois vieram outras famílias se juntarem a nós. (Depoimento de dona Lia, em 12 de abril de 2015).

Mesmo diante dessa conquista que dona Lia obteve com esse pequeno grupo de trabalhadores, ela não desistiu de conquistar mais trabalhadores para trabalhar e lutar contra o proprietário da terra, o senhor José Targino, pois sabia que não seria fácil conquistar sozinha essa batalha que vinha pela frente. Teria que convencer os demais moradores para lutarem pela posse da terra. Essa seria sua maior dificuldade que teria de enfrentar, porque o patrão, o senhor José Targino, não iria deixar de lutar para não perder sua terra. Ou seja, ele iria usar de diversos argumentos para colocar os moradores contra ela. Como ela mesma conta em seu depoimento.

Quando chegou a vez de desagradar o patrão, o administrador da terra, então, o capataz da fazenda conseguiu colocar alguns moradores da terra contra mim e meu esposo. Ele (o capataz) dizia que nós éramos do lado do bispo da Diocese de Guarabira, na época, era Dom Marcelo Carvalheira, que era um comunista e nós também éramos comunistas, assim, esse capataz fez com que a maioria dos moradores ficasse contra mim e meu esposo, mas, acredito eu, que, aqueles moradores, não sabiam o que seria, nem essa palavra comunista porque depois eles vieram a mim contar que pensava que comunista era grandes devoradores de terra, por isso que ficaram contra a minha pessoa e do meu esposo. (Depoimento de dona Lia, em 12 de abril de 2015).

Diante de todas as dificuldades encontradas por dona Lia em relação aos moradores por estes terem se rebelados contra ela por causa do capataz da fazenda, ela continuou na luta, já que tinha um trabalho de base pela igreja dentro da terra em questão. Portanto, ela juntamente com seu esposo não baixou a cabeça, continuaram a fazer as articulações com os moradores que acreditavam em seu trabalho, pois saberia que com o passar do tempo, os que foram contra ela iriam voltar para lutar junto com os outros, pois eles não iriam aceitar as condições do patrão, o senhor José Targino, porque ele estava mentindo para os trabalhadores e ela não. Percebe que a Igreja Católica e a CPT (Comissão Pastoral da Terra), tiveram uma influência muito importante na luta da terra no Assentamento Baixio de

diversas formas tanto na parte de orientação religiosa e política quanto no que se refere às articulações junto aos moradores.

De acordo com dona Lia:

Quando o patrão veio tentar colocar novamente o povo contra minha pessoa ele não conseguiu porque veio com mentiras e eu provei a verdade no meio dos trabalhadores, aí ele ameaçou, eu e meu esposo. Nesse momento, os trabalhadores ficaram de cabeça baixa, aí três mulheres disseram o seguinte: vejamos, nós queremos falar... vieram nós ameaçar a gente pra sair da terra porque em vez de nós ameaçarmos não trouxeram escola, água e alimento, que não temos pra dar aos nossos filhos vieram foi com isso querendo ameaçar pra tirar os moradores da terra foi, o senhor sabe disso? Quantas vezes você vai tirar nós daqui disse Ana Lúcia, minha nora, sabe quantos moradores vai sair nenhum, o senhor vai tirar? Por que se tirar dona Lia tem que tirar todos os moradores também, isso companheira nos deu uma satisfação enorme em ver que tem alguém decidido em lutar com gente aí quando ela disse isso a maioria dos trabalhadores veio ao meu encontro e bateram palma para minha pessoa aí eu disse comigo mesma [em pensamento] Deus me deu a liderança junto a esse povo, portanto, vou continuar lutando. (Depoimento de dona Lia a Autora, em 03.04.15).

Depois das ameaças sofridas pelo patrão, dona Lia, mais os demais moradores resolveram buscar ajuda junto à igreja, sendo orientada pela referida entidade religiosa a procurar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araruna, para buscar orientação a respeito do ocorrido. Em uma conversa rápida com o Presidente do Sindicato ela ouviu junto com os outros moradores o que já sabia, ou seja, que eles tinham seus direitos assegurados tanto de continuar morando e trabalhando na terra como produzindo e fazendo os depósitos de água que não havia naquele momento dentro da área ora estudada.

De acordo com o Documentário “Igreja da Libertação”, do cineasta Silvio da Rin podem acompanhar os passos de uma celebração dos agricultores do Assentamento Baixio reunido nos primeiros momentos do conflito da terra em volta de um açude que teria sido feito por eles por não terem nenhum depósito de água dentro da propriedade. No início da cena do documentário, um agricultor de chapéu de couro fala a todos os companheiros sobre os problemas causados pela falta de água e de terra no Nordeste brasileiro, com o intuito de mostrar a todos ali presentes que não se tratava de um problema só deles, mas de vários outros agricultores que estavam passando por dificuldades assim como eles para conquistar a terra. Em seguida, a senhora Maria das Neves, ou seja, dona Lia realiza a leitura da Bíblia para ressaltar a importância da união de todos dentro da luta e, por fim, realiza a

oração do “PAI NOSSO”, onde todos os agricultores de mãos dadas celebram a fé e a luta pela sobrevivência dentro do conflito⁷.

De acordo com Fagundes (2012), com a participação da Igreja Católica, os conflitos dos camponeses passaram de um discurso oculto para um discurso público, a partir do momento em que entram em diálogo com os agentes pastorais da Diocese de Guarabira. Deste modo, a partir do apoio institucional, do empenho de Dom Marcelo e dos demais leigos e religiosos de experiência nacional e internacional, as lutas camponesas ganharam um novo fôlego e puderam avançar.

Segundo Barbosa (1984), sabe-se que na sua maioria a mulher trabalhadora rural que participa da conquista da terra nos assentamentos provém de família que já moram e trabalham na terra, ou seja, de família que tem tradição no trabalho rural e por razões diversas encontra-se sem terra para trabalhar. Para essas mulheres, são várias as causas que deram origem aos conflitos de luta pela terra, ou seja, a posse e a exploração da terra sempre foi um dos pontos mais cruciais de toda história da vida rural brasileira. Essa luta não vem de agora e sim de muito tempo atrás, pode-se dizer, portanto, que, desde o Brasil Império, que vem se arrastando essa briga entre proprietário rural e trabalhador do campo onde os trabalhadores por tratamento mais justo e direito de continuar na terra, enquanto os patrões lutam por não cumprir com os direitos do trabalhador e para que eles não continuem na terra (BARBOSA, 1984, p. 23).

Como se deu a conquista do Assentamento Baixio?



Figura 2: Início do Povoado Baixio.
Fonte: Arquivo CPT. (Cicero Ribeiro, 2013)



Figura 3: Atual Assentamento Baixio.
Fonte: (Matheus Pereira, 2014)

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watec?v:4dcuibquy>>. Ano 1985, acessado em: 26/02/20016).

De acordo com Maria da Luz (2013), a conquista do Assentamento Baixio deu-se no ano de 1985, quando há mais de 60 (sessenta) anos moravam e trabalhavam 46 (quarenta e seis) famílias de posseiros dentro da fazenda, que até então, viviam através de contrato verbal, feito com o senhor José Targino Maranhão, proprietário da fazenda, sendo que esse contrato passava de pai para filhos, onde estes moravam e trabalhavam na terra produzindo o necessário para sobrevivência, como milho, feijão e criando alguma cabeça de gado, e o que sobrava era vendido para comprar o que não era produzido na terra. O contrato de arrendamento citado anteriormente se deu entre o senhor Jose Targino e os moradores posseiros. O proprietário da fazenda, Jose Targino, no caso, não levou em consideração tal contrato – que tinha verbalmente há vários anos com as 46 (quarenta e seis) famílias que ali viviam há muito tempo –, portanto, vendeu a terra para os irmãos “coró”, como eram conhecidos. Logo estes exigiram que esses moradores deixassem de produzir e criar seus animais dentro da fazenda. Deixando esses moradores sem saber o que fazer, pois era dali que eles tiravam através do seu trabalho, os alimentos necessários para sobrevivência de suas famílias. Assim, viviam as tais famílias de posseiros há mais de 60 (sessenta) anos, às quais nunca se afastaram da referida propriedade em busca de outras terras para trabalhar. Dessa forma, ali criaram seus filhos e seus netos sem nenhum problema até chegar o dia em que eles encontraram esse problema com o patrão, isto é, dele ter vendido a fazenda, deixando todos sem saber para onde ir, pois viviam tranquilos, morando, cultivando a terra, pagando seus impostos que era cobrado pelo o mesmo a todos posseiros, todos os anos, como era de costume do proprietário sem nenhum problema, até chegar o dia em que foram obrigados a entrar em conflito com o senhor José Targino, por ter encerrado o contrato (verbal) sem avisá-los do ocorrido, ou seja, da venda da fazenda, pois tal contrato fora estabelecido com o proprietário, sendo assim, não poderia se desfeito entre os moradores, e o senhor José Targino, proprietário da referida fazenda em questão, porque eles estavam ali há décadas. Então, os moradores decidiram por conta própria não abandonar a fazenda mesmo quando o outro proprietário tomou a posse da terra. Como também por conta própria decidiram cavar um barreiro⁸ para acumular água para matar a sede das famílias

⁸ Barreiro: Fosso cavado em terreno argiloso para conservar por algum tempo as águas pluviais. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

que viviam ali, bem como dos animais como fora mostrado no documentário de Silvio da Rin, pois dentro da fazenda Baixio só existia um depósito de água para matar a sede de todos os moradores e animais e, mesmo assim, por pouco tempo, quando chovia regularmente, a não ser tinham que ir buscar em outras propriedades vizinhas. A partir desta decisão surgiu um grande conflito entre o novo proprietário e os moradores, sendo que desse conflito foram presos 23 (vinte e três) posseiros. Alguns desses posseiros por resistir à prisão foram espancados ficando incomunicáveis na cadeia da cidade de Araruna por 24 (vinte e quatro) horas, sendo liberados no dia seguinte através de habeas corpus⁹ impetrado pelo advogado da CPT, Dr. Camilo.

Em face de tais dificuldades, atualmente, pode-se dizer, que as pessoas que vivem no assentamento podem se considerar vitoriosos porque através das reivindicações, lutas, e humilhações sofridas por estes, em virtude de terem desobedecido à ordem da Justiça para saírem da terra, estes não só conquistaram a terra, mas também benefícios como creche para seus filhos, escola, associação, trator para o corte de terra, posto de saúde, como também, nos dias atuais, vários filhos desses posseiros são formados, outros se tornaram figuras ilustres na política e na administração local, a saber: vice-prefeitos, prefeito, e vereadores¹⁰.

Como comenta dona Lia:

Uma das dificuldades enorme que encontrei foi no dia da prisão dos nossos esposos porque era tanta mulher e criança chorando que era de cortar o coração, essa foi a maior dificuldade que achei porque a policia chegou aqui e prenderam os nossos esposos levando presos pra cadeia pública de Araruna, quando foi à noite as mulheres se reuniram e fomos pra cidade de Araruna, passamos à noite todinha em vigília enfrente a cadeia para que nossos esposos fossem soltos. Os policiais nos empurravam para que saíssemos de lá nós também empurrávamos eles e dizíamos se baterem na gente vocês vão se arrepender, mas o pior ainda estava por vir, nós tínhamos plantado os nossos roçados, a plantação já estava quase no ponto de colher, o patrão chegou com uma carrada de boi, umas trinta

⁹ *Habeas corpus* – Garantia constitucional concedida a alguém que sofra ou se ache ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder (Constituição Federal, art. 5º, inciso LXVIII). Cf. SANTOS, Washington dos. **Dicionário jurídico brasileiro**. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

¹⁰ Inclusive, dois filhos de dona Lia já ocuparam o cargo de vice-prefeito e prefeito de Riachão/PB, respectivamente, Edivaldo Moura do Nascimento – de 2009 a 07/2012 – e Erinaldo Moura do Nascimento – de 01 de setembro de 2012 a 31 de dezembro de 2012. A assunção de Erinaldo Moura ao cargo de Prefeito se deu em virtude da cassação do mandato do Prefeito Paulo da Cunha Torres e do seu vice-prefeito Edivaldo Moura do Nascimento, no final do mês de julho de 2012, pelo Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba-TRE/PB, pela prática de conduta vedada, ou seja, pela compra de votos e abuso de poder político e econômico nas eleições municipais de 2008.

cabeças pra soltar dentro do roçado, mas nós mulheres impedimos que esses animais fossem soltos, nos reunimos, cerca de vinte mulheres, com pau, pedra na mão e não deixamos que o patrão nem o delegado de polícia que queriam entrar na área não deixamos nem sequer chegarem à porteira da fazenda nesse dia. Nós, mulheres, não deixamos, a partir daí as mulheres assumiram a luta enquanto os respectivos esposos estavam presos e quando eles foram soltos aí foi que elas lutaram pra valer mesmo. (Entrevista concedida por dona Lia em 12/04/2015).

Quando dona Lia fala que não só ela, mas as demais esposas dos posseiros também lutaram juntas para conquistar a posse da terra, demonstra que a conquista do Assentamento Baixio foi marcado por uma história de resistência dos moradores, que mesmo diante de toda a dificuldade apresentada nunca desistiram da luta. Assim, diante de toda luta vivida por essas mulheres para não perder a terra, enquanto seus esposos estavam presos, isso, portanto, só demonstra o quanto que elas lutaram, assim como todas as mulheres do nosso País vêm lutando no decorrer do curso da História, não só pela conquista da terra, mas também pela conquista de direitos sociais, como por exemplo, direito ao voto no início do século XX, por salário digno, saúde, previdência social, etc. Enfim, isso tudo evidencia que, desde a chegada dos nossos colonizadores, que as mulheres lutam para que seja assegurado não só o direito a terra, mas também o direito efetivo da igualdade de gêneros.

Nesse contexto, segundo Paola (2002) a mobilização das mulheres rurais não se forma na prática Sindical, mas a partir de debates sobre as condições de vida realizadas em pequenos grupos, a maioria de matriz religiosa ligada às pastorais, mas também grupos de matriz laica formada a partir das mobilizações de resistência as expulsões dos moradores das fazendas. A autora também diz que é importante registrar que, em todos esses casos, são as mulheres que tomam a iniciativa de promover as reuniões, organizá-las e dirigi-las.

Nessa perspectiva, veremos a seguir como dona Lia se articulou para a fundação do movimento sindical em Riachão.

Fundação do Movimento Sindical em Riachão/PB: mais uma bandeira de luta levantada por dona Lia.

Antes mesmo de dona Lia decidir iniciar sua militância para fundação do movimento Sindical em Riachão/PB, ela participou da Comunidade Eclesial de Base

articulada pela Diocese de Guarabira, portanto, dentro desse movimento, ela e demais colegas que participavam do movimento aprenderam que as mulheres não deviriam viver submissa ao homem, pois todos tinham direitos iguais seja qual for o gênero (masculino ou feminino). Dentro desse contexto de igualdade, dona Lia e um grupo de 10 (dez) mulheres procura o **(STRA)** Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araruna, o qual Riachão pertencia na época para se filiar para que alguma delas tivessem o direito de ficar com a posse da terra como também futuramente o direito a aposentadoria e os benefícios que elas tivessem direito ou até mesmo a conquista pela terra, porém não obtiveram êxito em sua caminhada. Assim, ela junto com seu esposo nas eleições sindicais seguintes que houve no sindicato, seu esposo lança chapa contra o atual Presidente do Sindicato de Araruna, à época, seu Antônio, entretanto, tal chapa não tivera êxito. Em seguida, quando Riachão se desmembra de Araruna em abril de 1994, seu Antônio Martins procurou a mesma para que ela fundasse o movimento Sindical, como já tinha em mente esse objetivo, decidiu, portanto, fundar o movimento sindical, pois saberia que os agricultores iriam precisar de um movimento que pudesse representá-los junto aos Órgãos Públicos suas reivindicações, como ela mesma conta:

Quando fundei o movimento Sindical em Riachão encontrei um pouco de dificuldade, pois no dia que era para ser fundado o movimento fizemos uma Assembleia para que fosse aprovada uma comissão pra da início o processo de fundação, mas não obtivemos êxito na primeira Assembleia, no mesmo dia fizemos outra Assembleia novamente onde foi obtido o quórum, que foi tirada uma comissão provisória para dar início ao processo de fundação. Essa comissão começou os trabalhos de filiação dos agricultores como também deu entrada junto ao órgão competente com as documentações para que houvesse de verdade a fundação do movimento. Depois de alguns meses houve eleições sendo eu, dona Lia eleita Presidente da entidade por quatro anos e o senhor Cosmo Viana, vice, Adjanir tesoureiro e Lucineide Secretária, então começamos trabalhar conscientizando os agricultores para que viessem a sede do órgão para se filiar como também participar das reuniões, nas reuniões nós explicávamos quais os direitos que eles tinham, assim conseguimos nos firmar dentro do movimento que, até os dias de hoje, apesar de que não respondo mais pela presidência, porém, mesmo assim, continuo fazendo parte como membro da diretoria.

Como vimos pelos relatos anteriores, diante de toda a dificuldade enfrentada por Dona Lia, essa seria a menor, pois ela era sabedora que ao fundar o movimento sindical em Riachão–PB, o seu papel como Sindicalista não era só conquistar trabalhadores e trabalhadoras para se filiares, mas sim, ir em busca de Políticas

Públicas para esses trabalhadores e trabalhadoras junto aos órgãos públicos para que os mesmos fossem beneficiados.

Dentro do contexto de luta pela terra, especialmente na Paraíba podemos observar que não só dona Lia lutou junto aos movimentos sociais, mas diversas outras mulheres, umas ainda no anonimato como Dona Toinha do sítio valeiro de Araruna que lutou junto aos trabalhadores pela posse da terra, Isabel Pontes estudante de direito que na época das lutas no brejo sempre teve ao lado dos mais injustiçados, Mariinha ex-presidente do sindicato de Mulungu que também lutou nos movimentos, Raimunda do sítio jacaré de Guarabira que também fez parte da CPT (Comissão Pastoral da Terra), e tantas outras que fizeram história nos movimentos e cenário Nacional como Elizabeth Teixeira pela continuidade da liga camponesa, Margarida Alves por salário mais digno para os trabalhadores das usinas na cidade de Alagoa Grande.

Conclusão

Entendo que ao falar da história de luta das mulheres trabalhadoras, e líderes de movimentos sindicais, como é o caso de dona Lia, é, ao mesmo tempo, se referir a história de luta pela terra que vem sendo construída com o passar dos anos aqui no Brasil. Para tanto, basta constatarmos quantas lutas as mulheres travaram para conseguirem se firmar dentro de uma sociedade totalmente patriarcal, onde o ideológico considerado por tal sociedade patriarcal era que a mulher em sua maioria não deveria sair dos cuidados do lar, de mãe zelosa com seus filhos e esposo. No entanto, na década de 1980, essa ideologia foi se tornando menos rígida. Diversos movimentos de mulheres foram surgindo com objetivo de formar mulheres cada vez mais conscientes em que pudessem lutar e refletir junto às bases sobre questões que dissessem respeito aos direitos sociais.

Embora consciente do ganho dos direitos adquiridos, as trabalhadoras rurais e sindicalistas sabem que ainda tem de lutar muito para que tenham realmente reconhecidos seus direitos junto à Sociedade. A memória de luta contada por dona Lia me possibilitou reviver alguns dos momentos enfrentados por ela e os demais

posseiros, como também me proporcionou outra compreensão de como foi à luta dessas pessoas no processo de conquista do Assentamento Baixio.

ABSTRACT

The present labor has for objective to describe the story struggle for the earth of Maria das Neves Moura do Nescient – “Dona Lia”- In Reaches/ Paraiba. Struggle for the earth that gave origin the Assentamento Biaxio, in the years of 1985 and 1986. In that sense, the article if insert in the perspective of the story of the women considering that the idea of an eternal submission too is a manufacture patriarchal, how our show Tânia Swain.

Keys words: Struggle for the earth, Assentamento Biaxio, story of the women, Paraiba.

REFERÊNCIAS

Barbosa, Sebastião. **A mão Armada do latifúndio, Margarida quantas ainda morrerão?** João Pessoa: A união Cia, Editora, 1983.

CÂMARA, Leôncio Teixeira. **Riachão – parcela de sua História fragmento 1.** João Pessoa: a União, 2000.

CAPPELLIN, Paola Giuliani: Os Movimentos de Trabalhadora e a Sociedade Brasileira. PRIORE. Mary Del. (Org.) **História das Mulheres no Brasil.** 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O dicionário da língua portuguesa.** 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LIMA, Maria da Luz dos Santos. **A afirmação da educação do campo na história da luta dos assentamentos baixo e amarela.** 2013. Disponível em:<<https://www.unimedjp.com.br/noticia/coordenadora-do-unigente-e-promenegeada...1422>. Acesso em: 29 de abr. 2016.

PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. **Reforma Agrária e Justiça: um estudo Sobre A CPT (Guarabira-PB entre 1980 E 1990).** Tese de Doutorado. 2013. (DOUTORANDO PPGCS-UFCG, BOLSISTA CAPES).

RAGO, Margareth: Trabalho Feminino e Sexualidade. PRIORE. Mary Del. (Org.) **História das Mulheres no Brasil.** 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. PRIORE. Mary Del. (Org.) **História das Mulheres no Brasil.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SANTOS, Washington dos. **Dicionário jurídico brasileiro.** Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

SWAIN, Tânia Navarro. **A Construção Imaginária da História e dos Gêneros: O Brasil no século XVI, v. 4 . nº 2 (1996) 130-153.**

Vídeo

ABÚZU: Eco da luta no Assentamento Baixo (Riachão-PB), Direção/ Roteiro Cecilia Bandeira: Elenco: Maria das Neves Moura do Nascimento (Dona Lia), e família, Expedito Antero, Luzia Cicero e Cícera Emília (Das Dores), Josafá, Luís Pedro (Quinone), Josivaldo da Costa (Gaja), Narração: Dona Lia, ano 2014.

Sites Consultados

Disponível em: <Http://www.cptnacional.org.br/brasil...265conflito.nos.campo.brasil>.
Acesso em: 17 de mar. de 2016, às 00:10 hs.

Disponível em: <<Https://www.youtube.com/watch?v:4deuibquy>>. 1985. Acesso em:
26 de fev. de 2016.